

## SETOR EXTERNO

# Contas externas: saldo recorde da balança comercial e câmbio desvalorizado

### Sumário

Esta nota de conjuntura apresenta uma análise das principais estatísticas do setor externo, com destaque para os dados das taxas efetivas reais de câmbio (Tercs), calculadas pelo Ipea, e a evolução recente da balança comercial e do balanço de pagamentos. De uma forma geral, o desempenho do setor externo não tem gerado grande preocupação durante a crise do coronavírus, com exceção da evolução da taxa de câmbio.

A balança comercial – cuja metodologia de cálculo foi revisada recentemente – é o destaque positivo. As exportações alcançaram US\$ 26,5 bilhões em abril e as importações, US\$ 16,1 bilhões, resultando em um saldo da balança comercial superavitário em US\$ 10,3 bilhões, o maior saldo positivo mensal de toda a série histórica.

Desde o início da pandemia do novo coronavírus em 2020, há uma tendência geral de diminuição do *deficit* em transações correntes brasileiro, com expectativa de sucessivos *superavit* para os próximos meses. Em relação a março, o saldo em transações correntes alcançou um *deficit* de US\$ 3,970 bilhões (3,18% do produto interno bruto – PIB) ante US\$ 4,257 (3,44% do PIB) no mesmo período do ano anterior. Cabe notar que o último resultado superavitário havia ocorrido em 2007. Esse resultado esperado é fruto de uma alta no preço das *commodities*, que favoreceu a balança comercial brasileira. Aliado a uma melhora nos preços, há também aumento da demanda por países que já estão se recuperando da crise provocada pelo novo coronavírus.

Apesar da melhora dos fundamentos, a taxa de câmbio brasileira tem permanecido acima dos R\$ 5,00/US\$ desde março de 2020, tendo sido destaque negativo entre os demais países emergentes. Possíveis causas para esse comportamento incluem incertezas sobre a evolução da pandemia no país e o risco fiscal. Observa-se que a desvalorização da taxa real/dólar entre março de 2020 e março de 2021 foi de 15,61%, muito próxima da obtida pela Terc calculada com base no Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), de 16,1%. No entanto, quando se calcula a Terc usando o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), verifica-se uma valorização de 12,22%, em ambos os casos para as exportações totais. Considerando-se ainda o IPA, há também uma grande distância por fator agregado. Enquanto, no caso dos básicos, houve uma valorização de 24,13%, no caso dos manufaturados a valorização foi de 4,35%.

**Andreza Aparecida Palma**

Pesquisadora visitante na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

andreza.palma@ipea.gov.br

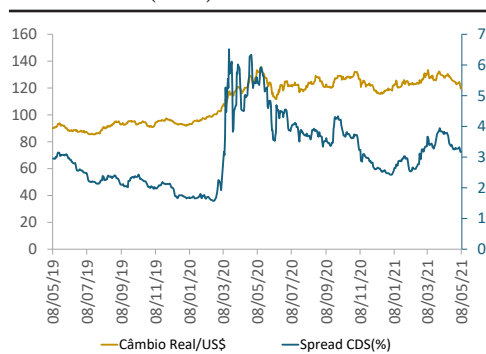
Divulgado em 17 de maio de 2021.

## 1 Câmbio nominal e preços



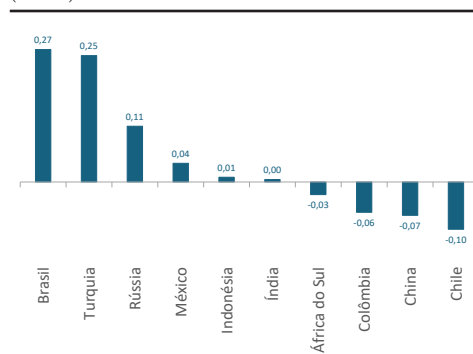
A taxa de câmbio real/dólar tem permanecido acima dos R\$ 5,00/US\$ desde março de 2020, como pode ser observado pelo gráfico 1. Nota-se, a partir de março de 2020, forte elevação do risco-país, medido pelo *spread* do *credit default swap* (CDS), ocasionada pelo início da pandemia e que reverteu a trajetória de queda que essa variável havia apresentado no período anterior. Apesar da tendência de diminuição do *spread* do CDS desde meados de 2020, a taxa de câmbio não acompanhou esse movimento. O último relatório da pesquisa Focus do Banco Central do Brasil (BCB)<sup>1</sup> mostra que não há expectativa de valorização expressiva do real para os próximos meses, já que as previsões para todos os horizontes apontam para valores acima de R\$ 5,00/US\$. Nem mesmo o crescimento dos preços das *commodities*, geralmente relacionado a uma valorização da taxa de câmbio, provocou uma reversão nesse movimento. Como pode ser observado pelo gráfico 2, o Brasil apresentou o pior desempenho (junto com a Turquia) entre os países emergentes. Comparando o primeiro trimestre de 2020 com o primeiro trimestre de 2021, o real apresentou uma desvalorização de 26,7% diante do dólar, enquanto as moedas de Rússia, México e Índia apresentaram uma desvalorização de 11%, 4% e 0,5%, respectivamente. Além disso, estimativas do Institute of International Finance (IIF) apontam para uma taxa “justa” (*fair value*) de R\$ 4,50/US\$. Estimativas do Centro de Estudos em Macroeconomia Aplicada da Fundação Getúlio Vargas (Cemap/FGV) também apontam para um valor de equilíbrio abaixo de R\$ 5,00/US\$.<sup>2</sup> As possíveis causas para a não valorização do real diante do dólar, mesmo com a relativa melhora dos fundamentos, incluem o risco fiscal e o risco referente à evolução da pandemia no Brasil.

GRÁFICO 1  
Taxa de câmbio (venda) real/dólar e CDS



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB) e Bloomberg.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

GRÁFICO 2  
Desvalorização da taxa de câmbio de economias selecionadas (1º trim./2021-1º trim./2020)  
(Em %)



Fonte: Bank for International Settlements (BIS).  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2 Taxas efetivas reais de câmbio (TERCs)

A taxa de câmbio R\$/US\$ desvalorizou-se expressivamente em 2020 e no início deste ano e tem permanecido acima de R\$ 5,00/US\$ desde então. Como houve

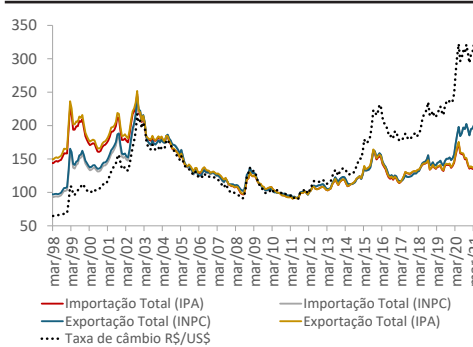
1. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus>>.

2. Veja detalhes disponíveis em: <[https://cemap.fgv.br/sites/cemap.fgv.br/files/u4/Nota\\_CEMAP\\_53\\_cambio.pdf](https://cemap.fgv.br/sites/cemap.fgv.br/files/u4/Nota_CEMAP_53_cambio.pdf)>.

um descolamento entre o índice de preços ao produtor amplo (IPA), da FGV, e o INPC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há uma diferença significativa entre a variação Terc calculada com base nesses indicadores. A tabela 1 apresenta a variação da Terc calculada com base nos preços dos produtos exportados. Observa-se que a desvalorização da taxa real/dólar entre março de 2020 e março de 2021 foi de 15,61%, muito próxima da obtida pela Terc calculada com base no INPC, de 16,1%. No entanto, quando se calcula a Terc usando o IPA, verifica-se uma valorização de 12,22%, em ambos os casos para as exportações totais. Examinando-se as taxas calculadas com base no IPA, agora por fator agregado, a distância também é grande. Enquanto, no caso dos básicos, houve uma valorização de 24,1%, no caso dos manufaturados a valorização foi de 4,5%. E, para esse mesmo grupo de produtos, utilizando-se o INPC, houve desvalorização de 15,63%.

A tabela 2 apresenta a variação da Terc calculada com base nos preços dos produtos importados. Aqui, sua variação com base no INPC e no IPA também é bastante discrepante. Considerando o IPA, houve uma valorização de 12,3% no período entre janeiro de 2020 e janeiro de 2021. Mas, considerando o INPC, observamos uma desvalorização de 15,74%. O destaque, olhando para categorias econômicas, está no grupo de bens de consumo não duráveis, em que se verifica uma desvalorização de 15,85%. Já no grupo combustíveis e lubrificantes houve uma valorização de 12,58%.

GRÁFICO 3  
Taxa de câmbio real/dólar e Tercs (1998-2021)  
(Índice 2010 = 100)



Fonte: Fundo Monetário Internacional (FMI), Secretaria de Comércio Exterior (Secex), BCB e IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 1  
Variação da Terc ponderada pelas exportações  
(Em %)

Variação no período	Março 2020/Março 2019	Março 2021/Março 2020
Taxa Real Dólar	26,97	15,61
Exportação Total (IPA)	13,33	-12,22
Exportação Total (INPC)	20,10	16,10
Taxa Efetiva Real das Exportações segundo Fator Agregado		
Exportação Básicos (IPA Ponderado)	10,69	-24,13
Exportação Semimanufaturados (IPA)	17,57	-4,74
Exportação Manufaturados (IPA)	15,82	-4,35
Exportação Manufaturados (INPC)	18,44	15,63

Fonte: FMI, Secex, BCB e IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2  
Variação da Terc ponderada pelas importações  
(Em %)

Variação no período	Janeiro 2020/Janeiro 2019	Janeiro 2021/Janeiro 2020
Taxa Efetiva Real das Importações Totais (IPA)	12,76	-12,30
Taxa Efetiva Real das Importações Totais (INPC)	19,98	15,74
Taxa Efetiva Real das Importações segundo Grandes Categorias Econômicas		
Importação Bens de Capital (IPA)	18,97	1,32
Importação Bens de Consumo Duráveis (IPA)	19,50	11,68
Importação Bens de Consumo Não Duráveis (IPA)	19,26	15,85
Importação Bens Intermediários (IPA)	17,15	-9,14
Importação Combustíveis e Lubrificantes (IPA)	32,71	-12,58

Fonte: FMI, Secex, BCB e IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

### 3 Balança comercial



Em abril de 2021, houve uma revisão das estatísticas de comércio exterior pela Secex, abrangendo as séries históricas a partir de 1997.<sup>3</sup> Em resumo, foram excluídos *outliers* nas séries de importação, realizados ajustes em relação às distorções geradas pelo Regime Aduaneiro Especial de Exportação e Importação de Bens Destinados às Atividades de Pesquisa e Lavra das Jazidas de Petróleo e de Gás Natural (Repetro) e pelo Regime Aduaneiro Especial de Entrepasto Industrial sob Controle Informatizado (Recof), além da contabilização da importação de energia elétrica de Itaipu. Em relação às séries de importações, também foram disponibilizados dados inéditos a respeito de fretes e seguros e, consequentemente, está disponível uma série de importações a valores de *cost, insurance and freight* (CIF).

As exportações alcançaram US\$ 26,5 bilhões em abril e as importações, US\$ 16,1 bilhões, resultando em um saldo da balança comercial superavitário em US\$ 10,3 bilhões, o maior saldo positivo mensal de toda a série histórica. Em relação ao acumulado no ano, ou seja, os quatro primeiros meses de 2021, as exportações totalizaram US\$ 82,13 bilhões e as importações, US\$ 63,9 bilhões, resultando em um saldo da balança comercial de US\$ 18,3 bilhões.

O gráfico 4 apresenta as exportações, importações e o saldo comercial medidos pelas médias diárias dessazonalizadas. É possível observar que as exportações tiveram uma aceleração da tendência de crescimento desde o início de 2021. De fato, comparando abril de 2021 a abril de 2020, houve um crescimento na média diária dessazonalizada das exportações de 43%. Já em relação ao mês anterior, o crescimento foi de 26%. Em relação a janeiro de 2021, o crescimento foi de 82%.

Já a média diária dessazonalizada das importações, após apresentar crescimento de 24% em fevereiro de 2021 em relação ao mês anterior, apresenta uma queda importante em março de 2021 (20%). Comparando abril de 2020 com abril de 2021, houve um crescimento de 41%, já que, no ano passado, os efeitos da pandemia estavam se intensificando. Na comparação com o mês anterior, observamos um crescimento de 15%. E, em relação a janeiro de 2021, o crescimento foi de 14%.

Dado o comportamento de crescimento das exportações e levando em conta a relativa estabilidade na média das importações, observamos um expressivo crescimento do *superavit* da balança comercial, como pode ser visto também no gráfico 4. Considerando as médias diárias dessazonalizadas, o crescimento do saldo comercial em relação ao mesmo período do ano anterior foi de 71%. Já em relação ao mês anterior, o crescimento foi de 65%. Em relação a janeiro de 2021, o crescimento foi de 288%.

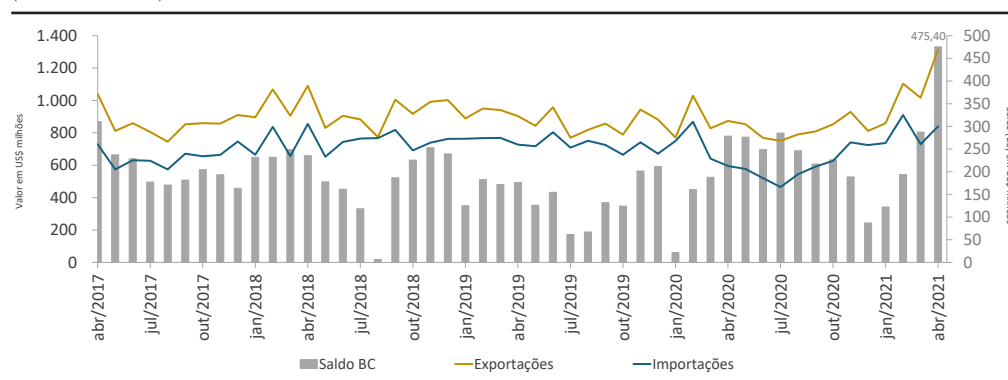
A composição da média diária das exportações dessazonalizadas em abril de 2021 foi o seguinte: 22% agropecuária, 47% indústria de transformação, 26% indústria extrativa. Em relação a janeiro de 2021, o crescimento por setores de produtos foi de 82% para agropecuária, 31% para indústria de transformação e 43% para

3. Consultar a Nota Técnica da Subsecretaria de Inteligência e Estatísticas de Comércio Exterior (Sitec) nº 1/2021, do Ministério da Economia, disponível em: <<https://balanca.economia.gov.br/balanca/metodologia/NotaTecnicaRevisaoMetodologia.pdf>>.

indústria extrativa. Em relação ao mês anterior, observamos um crescimento de 26% para agricultura, 30% para indústria de transformação e 16% para a indústria extrativa. Já na comparação com o mesmo período do ano anterior, ou seja, abril de 2020, o crescimento foi de 43% para agropecuária, 44% para indústria de transformação e 73% para indústria extrativa.

GRÁFICO 4

**Exportações, importações e saldo comercial – médias diárias dessazonalizadas**  
(Em US\$ milhões)



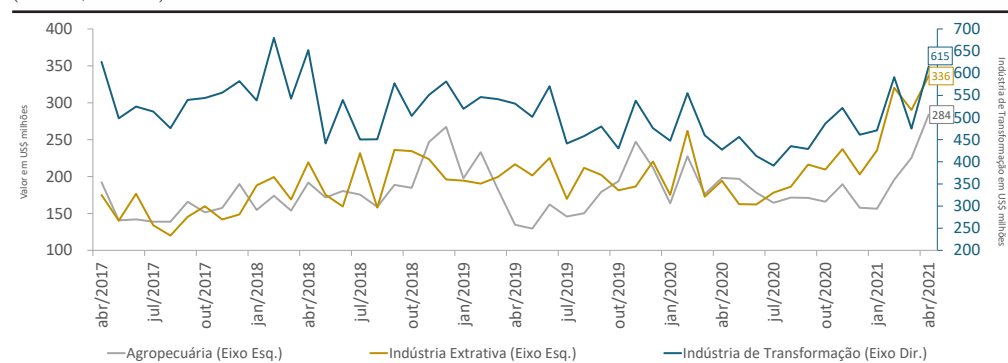
Fonte: Secex.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No caso da indústria extrativa, dois produtos foram os principais responsáveis pelo crescimento entre abril de 2020 e abril de 2021: minérios de níquel e seus concentrados e outros minérios e concentrados dos metais de base. Já na agropecuária, o crescimento na mesma base de comparação (interanual) foi dado, principalmente, pelos seguintes produtos: trigo (103%), milho (45%) e algodão (33,64%). A soja e o café não torrado aparecem logo após, ambos apresentando um crescimento de 25,68% na média diária.

GRÁFICO 5

**Exportações por setores de atividades – médias diárias dessazonalizadas**  
(Em US\$ milhões)



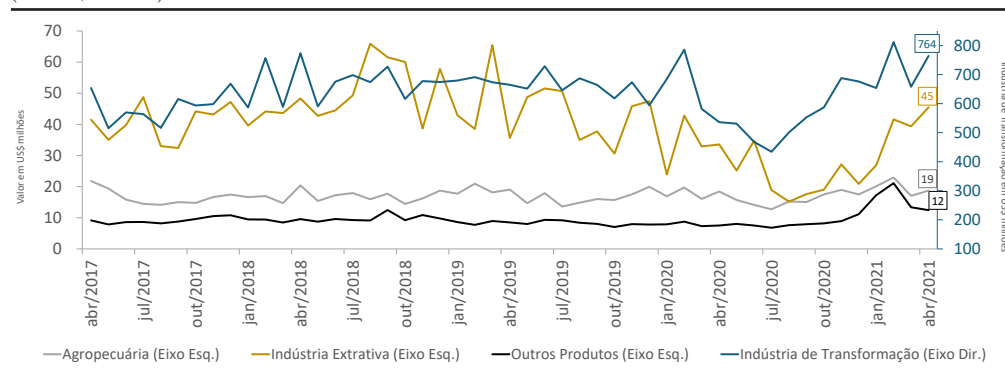
Fonte: Secex.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A indústria de transformação foi responsável por 91% da composição do saldo de média diária das importações dessazonalizadas em abril de 2021. Portanto, observa-se que as importações são amplamente dominadas pela indústria de transforma-

ção. Com a pandemia, as compras desse setor sofreram forte queda entre janeiro e junho do ano passado. No entanto, a recuperação começou a tomar forma a partir de julho, como mostra o gráfico 6. O crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior, ou seja, abril de 2020, foi de 43%. Enquanto isso, as importações da extrativa e da agropecuária cresceram, respectivamente, 35% e 2%, no mesmo período. No caso da indústria de transformação, os principais produtos responsáveis pelo crescimento foram: i) válvulas e tubos termiônicos, de cátodo frio ou fotocátodo, diodos, transistores; ii) partes e acessórios dos veículos automotivos; e iii) adubos ou fertilizantes químicos. Já na indústria extrativa, os principais responsáveis pelo crescimento foram: i) gás natural, liquefeito ou não; ii) outros minérios e concentrados dos metais de base; e iii) minérios de cobre e seus concentrados.

GRÁFICO 6  
**Importações por setores de atividades – médias diárias dessazonalizadas**  
 (Em US\$ milhões)



Fonte: Secex.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

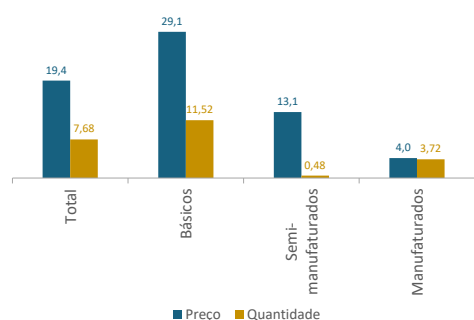
Os dados de índices de preços e de *quantum* disponibilizados pela Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex) e apresentados a seguir ainda não foram atualizados pela nova metodologia realizada pela Secex. O gráfico 7 mostra o crescimento dos índices de preços e quantidades das exportações em relação ao mesmo período do ano anterior, ou seja, comparação entre março de 2020 e março de 2021. Como pode ser observado, há um crescimento expressivo dos preços de produtos básicos (29,1%) que reflete a alta dos preços das *commodities*. Os semimanufaturados tiveram um crescimento de 13% no período. Já em relação aos índices de quantidade de exportação, destaca-se o crescimento de 11,52% também em relação aos produtos básicos.

O gráfico 8 mostra o crescimento dos índices de preços e quantidades das importações em relação ao mesmo período do ano anterior, ou seja, entre março de 2020 e março de 2021. Como pode ser observado, o total de preços manteve-se relativamente estável na comparação entre os dois períodos, apresentando um discreto crescimento de 0,42%. Houve aumento no preço dos combustíveis de 14,79%, porém queda nos índices de preços de bens de capital, de 7,48%, e nos preços de bens não duráveis, de 3,01%. Uma queda modesta foi registrada também nos preços de bens duráveis, no valor de 1,25%, e um aumento discreto para os bens

intermediários, de 0,63%. De fato, o destaque está no crescimento do índice de quantidade, que registrou aumento de 17,1% no período, devido principalmente ao crescimento no índice de quantidade de bens de capital, no valor de 41%, seguindo pelo crescimento de bens duráveis, no valor de 38%. Cabe notar a influência dos movimentos com equipamentos de exploração de petróleo, incluídos em bens de capital.

GRÁFICO 7

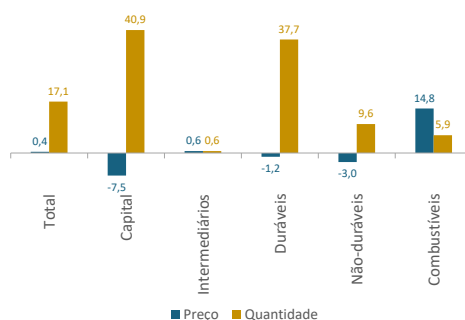
Índices de preços e quantidades de exportação, por categoria de produtos, em índices dessazonalizados: taxa de crescimento (mar./2021-mar./2020) (Em %)<sup>1</sup>



Fonte: Funcex.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Nota: <sup>1</sup> Índice 2006 = 100.

GRÁFICO 8

Índices de preços e quantidades de importação, por categoria de produtos, em índices dessazonalizados: taxa de crescimento (mar./2021-mar./2020) (Em %)<sup>1</sup>



Fonte: Funcex.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Nota: <sup>1</sup> Índice 2006 = 100.

## 4 Balanço de pagamentos

A revisão das estatísticas de comércio exterior pela Secex, no período de 1997 a 2021, trouxe algumas alterações para as séries do balanço de pagamentos. Cabe notar que as importações de energia elétrica de Itaipu já eram contabilizadas no balanço de pagamentos e, portanto, não tiveram impacto nas séries. O maior impacto em relação às séries do balanço de pagamentos foi devido à alteração relativa ao Recof, que aumentou as importações, as despesas de transportes e os passivos de crédito comercial na conta financeira. De forma geral, a revisão aumentou o *deficit* em transações correntes, entre 2017 e 2021. De acordo com dados do BCB, entre 1997 e 2016,<sup>4</sup> o aumento médio anual no *deficit* em transações correntes foi de US\$ 120 milhões, já no período compreendido entre 2017 e 2020 esse aumento foi de US\$ 42,9 bilhões.

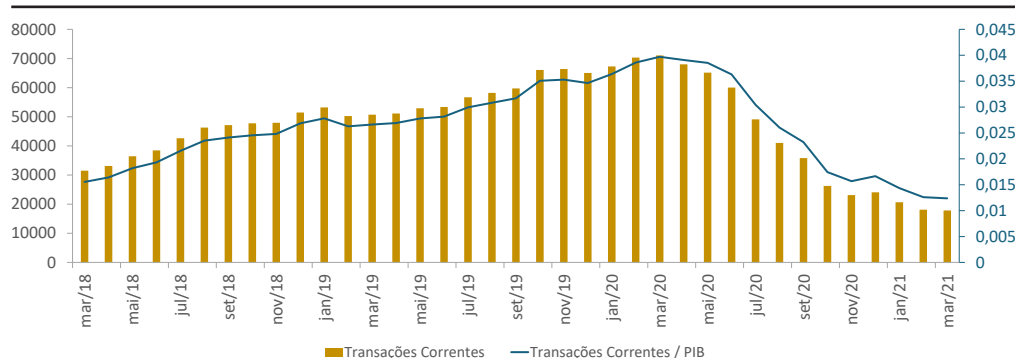
A tabela 3 apresenta os principais agregados do balanço de pagamentos para o acumulado em doze meses até março de 2020 e o mesmo período de 2021. Alguns sinais são alterados para que a soma algébrica da conta capital e financeira com erros e omissões corresponda ao financiamento líquido da conta de transações correntes.

Desde o início da pandemia do novo coronavírus em 2020, há uma tendência geral de diminuição do *deficit* em transações correntes brasileiro, como pode ser visto no gráfico 9. Há inclusive expectativa de *superavit* para os próximos meses. Em relação a março, o saldo em transações correntes alcançou um *deficit* de US\$ 3,970 bilhões

4. Ver item 3 do documento disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/estatisticas/estatisticassetorexterno>>.

(3,18% do PIB) ante US\$ 4,257 (3,44% do PIB) no mesmo período do ano anterior. Para o acumulado no primeiro trimestre do ano de 2021, houve um *deficit* de US\$ 15,631 (4,3% do PIB) ante US\$ 21,601 (4,26% do PIB) no mesmo período de 2020. O BCB, porém, estima um *superavit* de US\$ 5,7 bilhões para o saldo em transações correntes em abril – o último resultado superavitário havia ocorrido em 2007. Esse resultado esperado é fruto de uma alta no preço das *commodities*, que favoreceu a balança comercial brasileira. Aliado a uma melhora nos preços, há também aumento da demanda por países que já estão se recuperando da crise provocada pelo novo coronavírus.

GRÁFICO 9  
Deficit em transações correntes acumulado em doze meses  
(Em US\$ milhões e % do PIB)

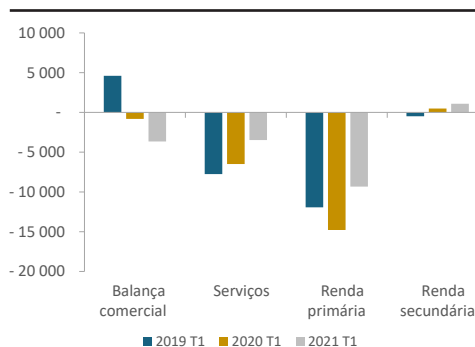


Fonte: BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A balança comercial fechou março com saldo deficitário de US\$ 437 milhões ante um saldo superavitário de US\$ 2.090 milhões em março de 2020. Já o *deficit* acumulado no primeiro trimestre de 2021 foi de US\$ 3.650 milhões ante um *deficit* de US\$ 815 milhões no mesmo período do ano anterior.

Como mostra o gráfico 10, a balança de serviços foi fortemente impactada pela crise do coronavírus, com especial destaque para o item viagens internacionais. Devido às restrições de mobilidade, o turismo tem sido fortemente impactado. Como o Brasil gasta mais do que recebe com viagens internacionais, o efeito foi a diminuição do *deficit*, tendo atingido o maior saldo no trimestre dos últimos dez anos. O saldo deficitário dos gastos com viagens acumulado no primeiro trimestre de 2021 foi de US\$ 167 milhões ante US\$ 1.394 milhões no mesmo período de 2020 e US\$ 2.506 milhões em 2019. Portanto, entre 2019 e 2021, houve uma diminuição de 93,4% nos gastos com viagens.

GRÁFICO 10  
Composição do saldo em transações correntes: comparação entre os primeiros trimestres (2019-2021)  
(Em US\$ milhões)



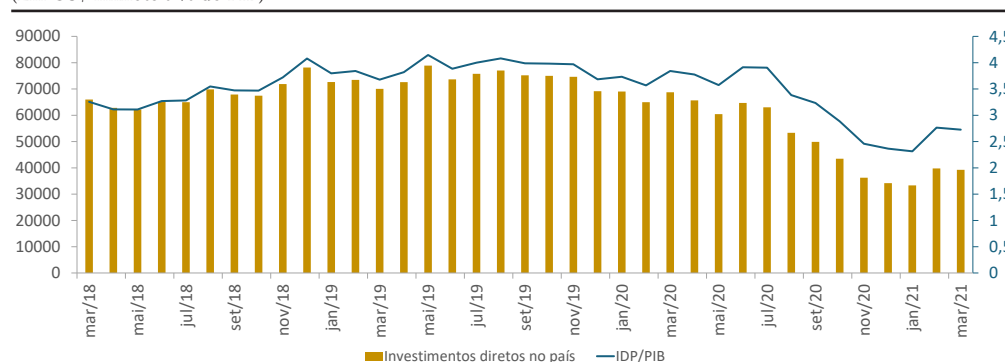
Fonte: BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



A conta financeira do balanço de pagamentos também continua sentindo os efeitos da crise do coronavírus, que têm sido inclusive mais fortes do que o efeito contágio ocorrido na crise global de 2008-2009. Esses efeitos foram sentidos tanto nos investimentos de longo prazo quanto nos de curto prazo.

Os investimentos diretos no país (IDPs), compostos por participação no capital e operações intercompanhia, apresentaram um saldo de US\$ 6,864 bilhões em março de 2021, ante US\$ 7,386 bilhões no mesmo período do ano anterior. Já o acumulado no primeiro trimestre desse ano somou um saldo de US\$ 17,709 bilhões ante US\$ 12,621 bilhões no primeiro trimestre de 2020. Como mostra o gráfico 11, parece haver uma sinalização de recuperação dos investimentos no país.

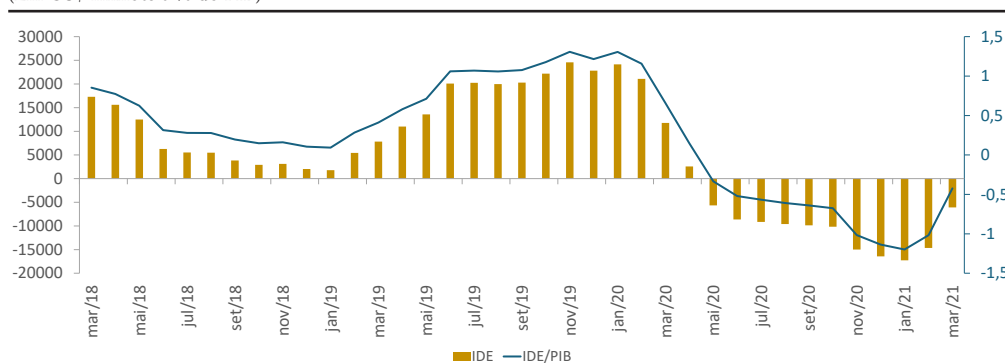
GRÁFICO 11  
IDP – dados acumulados em doze meses  
(Em US\$ milhões e % do PIB)



Fonte: BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A série de investimento direto no exterior (IDE) também dá sinais de recuperação. Em março de 2021, o saldo líquido foi de US\$ 1.440 milhões, ante um saldo negativo de US\$ 7.109 milhões no mesmo período do ano passado. Em relação ao acumulado no trimestre, o IDE apresenta um saldo de US\$ 5,429 bilhões ante um saldo negativo, ou seja, desinvestimentos. No mesmo período do ano passado, o saldo havia sido positivo em US\$ 4.897 milhões. Já no acumulado em doze meses, o saldo foi negativo em US\$ 6,1 bilhões, ante um saldo negativo de US\$ 14,6 bilhões no acumulado em fevereiro de 2021.

GRÁFICO 12  
IDE – dados acumulados em doze meses  
(Em US\$ milhões e % do PIB)



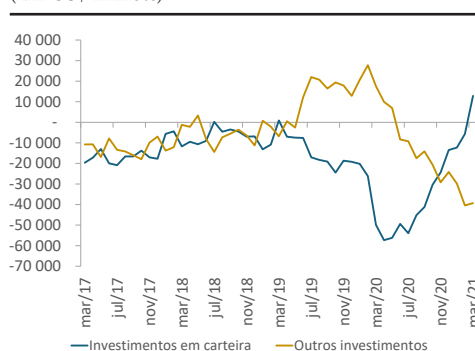
Fonte: BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Os outros dois principais itens da conta financeira estão representados no gráfico 15, no acumulado em doze meses. Os investimentos em carteira, após sofrerem uma queda expressiva entre abril de 2019 e abril de 2020, apresentaram uma trajetória de elevação, tendo até mesmo ultrapassado os níveis observados antes da trajetória de queda. De fato, os investimentos em carteira ativos, que representam aplicações brasileiras no exterior, totalizaram US\$ 12,4 bilhões no acumulado em doze meses ante um valor de US\$ 7,2 bilhões no mesmo período do ano anterior. Já os investimentos em carteira passivos, que representam aquisições de não residentes de títulos de renda fixa ou variável de emissão brasileira, totalizaram US\$ 25,3 bilhões no acumulado em doze meses, ante um saldo deficitário de US\$ 42,7 bilhões no mesmo período do ano anterior, como mostram os dados da tabela 3. Já a conta outros investimentos, por sua vez, vem apresentando uma trajetória de queda expressiva, como mostra o gráfico 13, provocada pela queda dos empréstimos líquidos ao país.

GRÁFICO 13

**Investimentos em carteira e outros investimentos – dados acumulados em doze meses**

(Em US\$ milhões)



Fonte: BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 3

**Balanco de pagamentos**

(Em US\$ bilhões)

Discriminação	Acumulado fev/2019-mar/2020 (1)	Acumulado fev/2020-mar/2021 (2)	Varição (2) - (1)
<b>Transações correntes</b>	<b>-71,04</b>	<b>-17,83</b>	<b>53,21</b>
<b>Balança comercial</b>	<b>21,13</b>	<b>29,54</b>	<b>8,40</b>
Exportações de bens /1	223,14	218,29	-4,85
Importações de bens /2	202,00	188,75	-13,25
<b>Serviços</b>	<b>-34,22</b>	<b>-17,61</b>	<b>16,61</b>
Renda primária	-60,12	-32,73	27,39
Renda secundária	2,17	2,97	0,80
<b>Conta Capital e Financeira</b>	<b>73,05</b>	<b>16,06</b>	<b>-57,00</b>
<b>Conta Capital</b>	<b>0,40</b>	<b>0,22</b>	<b>-0,17</b>
<b>Conta financeira/3</b>	<b>72,66</b>	<b>15,84</b>	<b>-56,82</b>
<b>Investimento direto</b>	<b>56,98</b>	<b>45,35</b>	<b>-11,63</b>
Investimentos diretos no exterior	-11,77	6,09	17,87
Investimentos diretos no país	68,75	39,26	-29,49
<b>Investimentos em carteira</b>	<b>-49,92</b>	<b>12,88</b>	<b>62,80</b>
Investimentos em carteira – ativos	7,20	12,45	5,25
Investimentos em carteira – passivos	-42,73	25,33	68,05
<b>Derivativos</b>	<b>4,76</b>	<b>1,27</b>	<b>-3,49</b>
<b>Outros investimentos</b>	<b>17,55</b>	<b>-39,35</b>	<b>-56,90</b>
Outros Investimentos - Ativos	1,17	10,17	9,01
Outros Investimentos - Passivos	18,72	-29,18	-47,90
<b>Ativos de reserva/4</b>	<b>-52,82</b>	<b>1,77</b>	<b>54,59</b>
<b>Erros e omissões</b>	<b>-2,01</b>	<b>1,78</b>	<b>3,79</b>

Fonte dos dados : BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas: <sup>1</sup> Exclui mercadorias deixando o território nacional sem mudança de proprietário. Inclui mercadorias entregues no território nacional (exportação ficta), encomendas postais, e outros ajustes.

<sup>2</sup> Exclui mercadorias ingressando no território nacional sem mudança de proprietário. Inclui mercadorias entregues fora do território nacional (importação ficta), importação de energia elétrica sem cobertura cambial, encomendas postais e outros ajustes.

<sup>3</sup> Conta financeira = -fluxos de investimentos ativos + fluxos de investimentos passivos.

<sup>4</sup> Sinal negativo indica aumento de reservas; sinal positivo indica redução de reservas.

#### **Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Diretor)  
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor Adjunto)



#### **Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Editor)  
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)  
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos  
Fábio Servo  
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos  
Leonardo Mello de Carvalho  
Marcelo Nonnenberg  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa  
Paulo Mansur Levy  
Sandro Sacchet de Carvalho

#### **Equipe de Assistentes:**

Ana Cecília Kreter  
Andreza Aparecida Palma  
Augusto Lopes dos Santos Borges  
Bruna Naiara de Castro  
Caio Rodrigues Gomes Leite  
Felipe dos Santos Martins  
Felipe Moraes Cornelio  
Felipe Simplicio Ferreira  
Leonardo Simão Lago Alvite  
Marcelo Lima de Moraes  
Mateus de Azevedo Araujo  
Pedro Mendes Garcia  
Rafael Pastre  
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.